

Murray N. Rothbard

Os Fundamentos do Anarcocapitalismo



Miguel A. Bastos

Universidade de Santiago de Compostela

Murray N. Rothbard

Os Fundamentos do Anarcocapitalismo

Miguel A. Bastos

Universidade de Santiago de Compostela

Publicado pelo European Liberal Forum asbl, com o apoio da Asociación Galega pola Liberdade e a Democracia (galidem) e o Movimento Liberal Social (MLS).

Financiado polo Parlamento Europeo.

O Parlamento Europeu não é responsável pelo conteúdo da publicação. Os pontos de vista expressos na publicação são apenas dos respectivos autores e não reflectem necessariamente os pontos de vista do European Liberal Forum asbl.

copyright @ 2012 European Liberal Forum asbl, Bruxelas, Bélgica.

Esta publicação só pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida em qualquer formato ou por quaisquer meios, com a autorização prévia por escrito do editor. Quaisquer questões relacionadas com a reprodução fora destes termos devem ser enviadas ao European Liberal Forum. Uma cópia digital desta publicação poderá ser obtida gratuitamente em www.liberalforum.eu , www.galidem.eu ou www.liberal-social.org.

Para informações adicionais e distribuição:

galidem - Asociación Galega pola Liberdade e a Democracia

Rua do Bispo Lago 33,

E36700 Tui (Galiza), Espanha

www.galidem.eu

galidem@galidem.eu

MLS - Movimento Liberal Social

Rua Ramalho Ortigão, 31, CV DTA

1070-228 Lisboa . Portugal

www.liberal-social.org

secretariado@liberal-social.org

Ficha Técnica:

Título: Murray N. Rothbard—Os Fundamentos do Anarcocapitalismo

Série: Unidades Didáticas sobre Liberalismo. II. Autores Liberais.

Autor: Miguel A. Bastos

Editor: European Liberal Forum asbl

Capa: Murray Rothbard - Reproduzido com permissão.

Tradução: Vítor Meirinho

Revisão do texto: Eduardo L. Giménez

Impressão: *Faster Print*

Palavras-chave: Murray N. Rothbard, liberalismo, ciência política, liberal, autores liberais, economia, pensamento liberal, capitalismo.

Índice

1.	Vida	p. 1
2.	O pensamento económico de Rothbard	p. 2
3.	Rothbard como pensador político	p. 7
4.	Rothbard historiador	p.12
5.	Conclusão: O legado de Murray N. Rothbard	p.16
	Para saber mais...	p.17
	Resumo	p.18
	Atividades	p.20

1

Vida

Murray Newton Rothbard nasceu em Nova Iorque em 1926, numa família de imigrantes judeus de origem polaca. Desde muito novo, nos anos do New Deal e a Grande Depressão, tomou consciência política e gostava de contradizer e escandalizar os seus familiares e vizinhos, os quais na maior parte professavam ideias socialistas, mediante afirmações de carácter conservador ou libertário.

Rothbard conservou esta atitude contracorrente durante toda a sua vida, igual que as suas ideias que, em confissão própria, manteve em essência durante toda a sua vida, mas com um pequeno matiz: cada dia que se passava, tornava-se mais radical que o dia anterior. Em vez de moderar-se, com a passagem dos anos fazia-se mais e mais extremista. Assim, fez sua a ideia, expressada antes por um pensador conservador chamado Brent Bozell, de que a moderação na defesa da liberdade é vício e não virtude, e que o extremismo em defesa da mesma é virtude e não vício.

A sua vida portanto foi por uma parte a vida dum académico, muito prolífico e didáctico, mas com pouca sorte na sua carreira. Apenas no final da sua vida foi reconhecido com uma posição de prestígio como professor, na Universidade de Las Vegas; a maior parte da sua vida profissional transcorreu como professor não numerário numa faculdade de ciências comerciais em Nova Iorque. E por outra parte a sua vida foi também a vida dum activista político, sempre activo em movimentos políticos de carácter libertário, a difundir sempre o seu ideário de maneira pessoal em tertúlias e reuniões, muitas delas a sua própria casa.

Pode ser considerado com justiça o pai intelectual da filosofia do anarcocapitalismo, que se bem não é o primeiro em formulá-la —pois foi um economista belga agora esquecido, chamado Gustave de Molinari, quem a expôs primeiro nos inícios do século XX—, foi porém quem lhe deu coerência e rigor teórico. A obra teórica de Rothbard gira então arredor das suas propostas anarcocapitalistas, que expõe em três planos: o plano económico, o plano político-social e o plano histórico. Em cada um deles, Rothbard tenta estabelecer e argumentar a sua ideia dum sociedade sem estado, mas gerida por princípios económicas baseados no livre mercado. A sua obra está integrada, mas a efeitos de introduzirmos o seu pensamento vamos estudar cada um destes planos por separado.

2

O pensamento económico de Rothbard

Murray Rothbard situa os seus escritos económicos, dos quais o principal é um volumoso tratado chamado *O home, a economia e o estado*, no marco da denominada Escola *Austríaca de Economia*. A Escola Austríaca de Economia é iniciada no século XIX no contexto da revolução marginalista em economia com a obra de Carl Menger, que foi continuada de mestre a discípulo até hoje. Esta escola define-se — para além do seu marginalismo— por postular o individualismo metodológico e um subjectivismo radical. Destaca entre as escolas económicas actuais pelo seu rejeitamento total dos métodos formais e matemáticos nas suas análises, o qual, com as suas propostas de política pública —hoje vistas como radicais—, explica o seu relativo desconhecimento.

Rothbard assistiu em Nova Iorque às classes de Ludwig von Mises —economista exiliado da perseguição nazista, quem passava naquele momento por ser o principal formulador dos postulados da escola— e logo adoptou o método e as ensinanças dessa escola, com o qual chegou a ser ele próprio o seu principal teórico e renovador, e a imbuí-la de boa parte do seu ideário libertário. De facto, Rothbard fundou uma tradição própria dentro da mesma escola austríaca, muito fiel ao ensino de Mises, e afastada de outras visões mais moderadas expostas pelo prémio Nobel Friedrich von Hayek ou por outros discípulos de Mises como Israel Kirzner.

A tradição austríaca fora sempre crítica com os postulados socialistas e intervencionistas, fossem de carácter marxista ou keynesiano. De facto boa parte da obra teórica desta escola centra-se na análise do fenómeno socialista, bem refutando desde a teoria subjectiva do valor os fundamentos últimos do socialismo marxista —como fez Bohm-Bawerk, especialmente a ideia de exploração e da plusvalia como fonte do benefício— bem criticando a mesma ideia de socialismo, como se vê na obra do próprio Mises. Com efeito, este último começou um debate, que dura até hoje, ao negar já em 1922 a

possibilidade teórica do socialismo ao não se dispor de preços de mercado, e portanto ao se estar impedido de fazer um cálculo racional entre alternativas de produção, o qual leva ao caos económico. Rothbard vai construir sobre estes materiais os seus contributos principais no campo da teoria económica, que vão enriquecer o teorema da impossibilidade do cálculo económico no socialismo e construir uma elaborada crítica do intervencionismo em todos os âmbitos, mas muito especialmente no âmbito da banca, a moeda e o crédito.

O principal contributo de Rothbard ao debate do cálculo económico foi a sugestiva ideia de que os problemas do cálculo económico também se dão dentro das organizações. Isto é, na medida que uma organização —seja pública ou privada— cresce em tamanho (por integração vertical com fornecedores e clientes ou por integração horizontal ao absorver empresas do mesmo sector, ou bem por puro incremento do tamanho da planta organizativa) a sua capacidade de cálculo diminui gradativamente até o ponto em que a empresa não pode crescer mais. O mítico *megatruster* imaginado pelos marxistas, segundo o qual as grandes empresas capitalistas deviriam pelo seu próprio desenvolvimento, a través dum processo de fusão, numa só megaempresa capitalista, nunca poderá ter lugar: derrubar-se-ia muito antes de poder atingir tal estágio. O corolário de tudo isto é que as empresas pequenas acabam por derrotar as grandes, até que estas empresas pequenas, pela sua vez, são derrotadas por empresas novas.

Isto pode observar-se muito bem no mundo da informática, no qual as grandes megacorporações como a IBM são apartadas das posições dominantes no mercado por pequenas empresas criadas em garagens como Microsoft, que à vez deixa de crescer e é substituída num ponto na liderança por empresas como a Google, Facebook, etc. O normal seria que a grande empresa já instalada tivesse todas as oportunidades para continuar a controlar o mercado e para poder incrementar aos poucos o seu poderio, absorvendo as empresas mais pequenas que fossem ficando. Mas nalgum ponto param, estancam-se. Rothbard afirma que é por impossibilidade de cálculo económico além dum determinado tamanho. A partir desse ponto as grandes organizações, como os sistemas económicos socialistas, colapsam e entram em declive.

O outro grande contributo económico de Rothbard foi a sua devastadora crítica do intervencionismo. O nosso autor, no seu livro **Poder e mercado**, começa por distinguir três grandes tipos de intervenção coercitiva do estado na vida social, afirmando que toda actuação do estado pertence a uma das três categorias ou a uma combinação delas. Estas alternativas são denominadas de autista, binária e triangular.

A primeira é aquela que impede fazer uso do próprio corpo ou da propriedade pessoal (proibição do consumo de drogas, regulamentações urbanísticas, etc.) A intervenção binária seria aquela que impõe uma prestação pessoal ou monetária para o estado (serviço militar, tributos, etc.) Finalmente, a alternativa triangular seria aquela que impede que dois ou mais indivíduos cheguem a acordos livres entre eles ou fixa umas condições para ditos intercâmbios (controlo de preços, regulamentações laborais, etc.) Em todos os três supostos, ou nas suas combinações, o poder político, autocaracterizado como o único e legítimo monopolista do uso da força, impõe de modo directo uma actuação usando a força, explicitamente ou mediante ameaça de uso dela. A conclusão é que toda intervenção económica incorre directa ou indirectamente nalgum tipo de agressão contra a integridade física ou a propriedade dalgum indivíduo, e é portanto ilegítima de raiz. Notemos que Rothbard não valora a utilidade ou a inutilidade da intervenção mas o seu carácter de agressão, pelo qual podemos dizer que a sua crítica à intervenção é ética ou moral, não utilitária. Com efeito, os velhos austríacos (como Mises na sua **Crítica do intervencionismo**) criticavam a intervenção pelos seus efeitos descoordenadores ou pelos consequências perniciosas que tinham para o bom desempenho dos processos económicos. Pela sua parte Rothbard, sem negar os efeitos daninhos da intervenção, centra-se na sua imoralidade de raiz.

Desta forma, nos seus escritos Rothbard critica toda uma série de intervenções, desde o proibicionismo das drogas ou do álcool, ao controlo de preços e salários, as políticas sociais e educativas e em geral todo o tipo de intervenções no mercado. Mas a crítica de Rothbard centra-se na manipulação estatal da moeda e do crédito, pelas consequências sistémicas que tem, ao ser origem de crises de depressões económicas. Para ele, estas são causadas pela manipulação monetária originada no sistema de bancos centrais —criados pelos estados desde fins do século XIX— que manipulam o preço central de todo sistema

económico monetarizado, mediante a taxa de juro. A taxa de juro é o preço a que os bancos se emprestam o dinheiro entre si ou a particulares e empresas. No mercado serve para calcular as rentabilidades dos diferentes projectos ou para medir a quantidade disponível de capital a cada momento. Uma baixa taxa de juro num sistema de mercado livre indicaria abundância de capital para investir e significaria que é um bom momento para criar uma nova indústria ou ampliar uma indústria existente (comprar máquinas ou tractores, por exemplo). Uma alta taxa de juro indicaria o contrário: incitaria a poupar, pois de momento procede apenas investir nos projectos que produzam um rendimento suficiente como para amortizarem uma taxa elevada, isto é, aqueles que a cada momento concreto sejam os mais rendíveis. Manipular o preço do dinheiro é fixar, portanto, uma taxa de juro que não corresponde com a taxa de mercado, e o que fará será emitir sinais falsos e enganar os actores económicos, que tomarão decisões erradas por culpa desses maus sinais. Ao fazê-lo de maneira conjunta —a taxa oficial de juro é um preço centralizado—, está-se a pôr a semente duma crise económica, pois também as consequências erradas do mal investimento serão percibidas todas juntas e simultaneamente. A manipulação da moeda e o crédito pelos bancos centrais não tem como consequência única as crises, mas é, na imensa maioria dos casos, a causa última dos fenómenos de inflação, com as distorções que isto provoca no aforro, na estrutura de capital duma sociedade e na instabilidade social que produz.

Rothbard analisa os fenómenos monetários em chave libertária e analisa as suas patologias como consequência da intervenção, já antiga no tempo, no âmbito da moeda e o crédito. Para Rothbard, deu-se um processo histórico de monopolização da emissão de dinheiro por parte do Estado, quem foi suplantando progressivamente os primigénios emissores privados de moeda. E foi monopolizando-a no seu próprio interesse, num princípio para financiar guerras e actualmente para legitimar o seu poder mediante o gasto social. O uso histórico da inflação monetária foi com esta finalidade, porque —como recorda Rothbard nos seus escritos, especialmente em *What Government has Done to Our Money?*— a inflação tem efeitos redistributivos a favor do governo, pois compra bens e serviços e paga dívidas com o dinheiro novo a preços antigos, e transfere os males da inflação ao resto da sociedade. O mundo do dinheiro e do

crédito é para Rothbard um mundo socialista, de planificação central, no qual se regula a sua produção com os mesmos critérios pelos quais um planeador socialista decidia a produção de cimento. Dada a ilegitimidade que para ele tem qualquer intervenção estatal não é de extrañar que proponha eliminar toda intervenção do Estado no domínio monetário, voltando a um sistema monetário de curso privado, baseado em princípio no ouro, a supressão dos bancos centrais e da instauração de princípios Sano de gestão bancária fundamentados na instauração de um coeficiente de reservas de 100%.

Além do estudo dos fenômenos monetários e do intervencionismo Rothbard destacou por ser um agudo polemista no âmbito da metodologia econômica, defendendo o método praxeológico da escola austríaca contra outras escolas econômicas como o monetarismo da escola de Chicago, o intervencionismo keynesiano ao qual considerava uma regressão na história das idéias econômicas e o materialismo marxista.

3

Rothbard como pensador político

Como antes apontámos, toda a obra de Rothbard gira em redor da radical ilegitimidade do estado, como ente agressor em essência, e na procura duma alternativa política ao mesmo, fundada nas instituições de livre mercado. Se na ordem económica a obra de Rothbard se baseia nas ideias expostas pela escola austríaca de economia, o seu pensamento político vai estar baseado na tradição teórica do anarquismo norteamericano e nas teorias —que poderíamos denominar «predadoras»— do estado. Com a integração destas três tradições intelectuais, Rothbard pretende duas coisas fundamentalmente: elaborar uma crítica exaustiva do estado, tanto nas suas origens quanto nas suas obras, e a seguir cobrir a falha tradicional das teorias políticas anarquistas. Isto é, elaborar a maneira em que uma sociedade carente de instituições políticas poderia desempenhar as tarefas que toda ordem social deve levar a cabo. Livros como *A ética da liberdade* ou *Cara uma nova liberdade* tencionam responder ambas questões e elaborar um sistema acabado de teoria política anarcocapitalista.

A teoria política rothbardiana bebe principalmente da teoria anarquista norteamericana, cindida já desde os finais do século XIX a respeito da teoria anarquista de origem europeia. O anarquismo europeu, especialmente na obra de Bakunin e Kropotkin, elaborou uma teoria do estado na qual o estado é descrito como um ente predador que usa da sua força em benefício duma casta parasitária organizada no seu redor. Mas propõem uma estratégia de violência para alcançar o fim último de abolir tal instituição, e fazem propostas colectivistas e insostíveis economicamente para descreverem o funcionamento da sociedade anarquista que resultasse dos processos revolucionários precisos para levá-la a termo.

Os anarquistas norteamericanos como Tucker ou Spooner, por contra, ainda compartilhando a mesma visão negativa do estado, defendem estratégias pacíficas e cooperativas tanto para combater a opressão quanto para o desempenho da sociedade futura, e elaboram uma visão individualista da futura sociedade anarquista face ao colectivismo dos anarquistas europeus. Nesta última tradição encaixa Rothbard, quem

formula uma teoria política sumamente original: incorporando rigor económico segundo a velha tradição, uma teoria do estado apropriada às realidades (interna e externa) dos estados sociais e corporativos próprios do século XX e uma estratégia elaborada de acção para atingir o objectivo último da anarquia de livre mercado.

A teoria do estado de Rothbard engloba-se na teoria predatória do estado, ou teoria da conquista, que se opõe às teorias mais politicamente correctas do contrato social. Estas últimas gavam-se numa origem imaculada do poder político, que seria causado por alguma sorte de pacto ou convénio primigénio mediante o qual os indivíduos cedem parte da sua autonomia a uma espécie de órgão colectivo para que ele se ocupe duma série de funções, especialmente a defesa da vida e da propriedade, que seriam presumivelmente difíceis de fornecer numa sociedade «natural», e para evitar uma hipotética guerra de todos contra todos, que seria a condição própria duma sociedade sem estado.

Por contra, os defensores da teoria predatória do estado (não todos eles anarquistas mas gente de ideias que cobrem todo o espectro político, desde socialdemocratas como Franz Oppenheimer a reacionários como John Calhoun, e não todos eles teóricos políticos mas antropólogos como Robert Carneiro, juristas como Jellinek ou sociólogos como Alexander Rustow) presumem uma origem muito menos inocentes do estado. Para eles o poder político é fruto da violência, a guerra e a conquista, e não é mais do que uma estrutura organizada de violência para extorsionar a população e tirar-lhe rendas e tributos. Ora, a diferença duma vulgar banda de bandidos, o estado conta com intelectuais pagos que legitimam o seu domínio e com regras de protocolo e etiqueta que tornam distinguidos e imponentes os mecanismos do poder. O estado seria uma sorte de máfia legitimada que, como as máfias, cobra por proteger a gente de si mesmas e que considera criminal e se enfrenta a qualquer que ouse fazer o que ela faz ou que ouse disputar-lhe a sua fonte de extracção de rendas. Nascido entre guerras e conquistas, o estado achou nelas historicamente a fonte natural da qual extrair e acrescentar o seu poder. Nas guerras podem-se estabelecer leis de excepção, podem-se incrementar os tributos e pode-se dispor das vidas (por meio da conscrição obrigatória de soldados) e fazendas (a través das requisas de guerra) dos súbditos. É o meio onde o estado melhor se move.

Daí que Rothbard, *inimigo do estado*, como foi denominado por um dos seus biógrafos, fosse sempre um acérrimo opositor aos exércitos permanentes e à intervenção do seu país, os Estados Unidos da América, em guerras fora das suas fronteiras. Rothbard constatou o uso oportunista que o estado fazia de todas e cada uma das guerras (inclusive nas políticas públicas não relacionadas directamente com conflitos bélicos, o governo faz uso de retóricas militaristas: combater a discriminação, guerra às drogas ou à pobreza...), e concluiu que a melhor maneira de se opor ao seu poder era opor-se às guerras que ele começava. Identificou as guerras como a saúde do estado, como antes dissera Randolph Bourne, e centrou o seu activismo político na guerra contra a guerra. Foi portanto um duro opositor a todas as guerras em que participaram os Estados Unidos desde que teve consciência política, e destacou especialmente na sua oposição à guerra do Vietnam, época em que rompeu os seus laços com partidos da direita política e aproximou-se a movimentos da esquerda que ele entendia que tinham uma postura mais coerente neste aspecto. No final da sua vida voltou colaborar com movimentos da direita isolacionista quando viu que estes abandeiravam a velha causa isolacionista. Rothbard mudou de partido em muitas ocasiões, mas nunca mudou no substancial de ideias, como se pode constatar com a leitura cronológica dos seus escritos, nos quais manteve no fundamental as mesmas ideias políticas e económicas de sempre. Como anotámos antes, a visão de Rothbard é global: todos os seus escritos (inclusive as suas críticas cinematográficas, às quais tinha muita afeição) giram em redor do seu ideário anarcocapitalista, pelo qual é preciso indicar que um dos fundamentos da crítica de Rothbard ao inflacionismo e à manipulação da moeda e do crédito era que estes iriam ser usados para financiar de modo fraudulento as guerras e intervenções agressivas no exterior, pelo qual a causa da paz avançaria limitando a capacidade económica do governo, e limitando o tamanho do estado.

Outro dos aspectos mais originais do pensamento político-social do nosso autor é a sua elaborada crítica do moderno estado do bem-estar, das suas políticas e muito especialmente das ideias últimas que o fundamentam. Rothbard vê o estado social como um aparelho de legitimação do poder político, isto é, o militarismo e a coacção que o estado impõe precisariam dum rosto amável para o domínio ser facilita-

do, e apresentar o estado como um ente benevolente que protege os pobres e os mais fracos na sociedade dos infortúnios da vida, e que os defende dos abusos dos poderosos (identificados quase sempre com os empresários ou directivos de empresa e nunca com os políticos e burocratas estatais). As escolas cumpririam a função de criarem legitimação social para o domínio estatal a través do ensino curricular de doutrinas estatistas, e o resto das prestações sociais, além de legitimarem, serviriam os interesses de potentes grupos de pressão aliados ao poder político, forem internos ao próprio estado —grupos de pressão de mestres, médicos ou trabalhadores sociais— ou externos —farmacéuticas, universidades ou grandes grupos de comunicação.

Além destas críticas, expostas principalmente no seu livro *Poder e mercado*, Rothbard é muito crítico com as filosofias que sustentam o estado benefactor, especialmente com as ideias igualitaristas. Num conjunto de ensaios intitulado *Igualitarismo como revolta contra a natureza*, elabora uma crítica sistemática dos princípios filosóficos que fundam no âmbito da política e da economia o ideal de igualdade. A igualdade é um dos muitos exemplos de extrapolação de conceitos desde as ciências físicas às ciências sociais, pois a igualdade é um conceito matemático que não pode ser aplicado às ciências da acção humana: dois mais dois são igual a quatro mas Keynes não é igual a Rothbard, por exemplo. Se bem ambos são seres humanos e possuem uns direitos naturais (conceito muito querido por Rothbard) são distintos em infinitude de coisas, e dessas diferenças derivam depois condições diferentes de vida. A crítica de Rothbard centrar-se-ia em que os igualitaristas apenas seleccionam uma das múltiplas desigualdades humanas, a das rendas, e querem fazer políticas igualitárias apenas nesse âmbito, mantendo as desigualdades nos demais, sobretudo se forem por ter dotes empresariais. Desse modo, um rico que é rico por fabricar salchichas vai ser sempre visto como mais malvado do que um rico por cantar numa banda de rock, embora ambos sejam igual de ricos. Doutra parte, as desigualdades em inteligência ou beleza não são penalizadas socialmente, por pormos outro exemplo. É mais, estas últimas desigualdades são potenciadas, pois chegado o caso a pessoa mais inteligente terá concedidos meios —como bolsas de estudo, acesso a boas universidades, etc.— para potenciar a sua desigualdade, enquanto o menos inteligente terá negados eses meios, ou inclusive terá que contribuir a financiar as vantagens de aquele que por herança de nascimento

é mais inteligente.

O que critica Rothbard é o facto de que os teóricos igualitaristas escolham apenas uma das possíveis desigualdades humanas, e que a castiguem ser explicarem por que escolhem essa e não outra. Rothbard anota que pode ser devido a que os teóricos igualitaristas possuem muita inteligência abstracta mas poucas dotes comerciais ou empresariais, e portanto podem preferir um mundo no qual a sua vantagem comparativa seja aquela que domine. Em vez dum mundo regido pelo dinheiro, preferem um mundo regido pela inteligência ou a capacidade técnica, que é justamente aquilo que os intelectuais igualitaristas possuem em abundância.

Como se pode ver, a crítica ao estado do bem-estar é feita, como toda a sua obra, desde princípios éticos, e o estado do bem-estar funda-se em princípios contrários à ética, porque, em primeiro lugar, o financiamento dos direitos sociais é feito em prejuízo dos direitos de outras pessoas, as suas rendas legitimamente ganhas ou do seu tempo; e em segundo lugar porque são direitos circunscritos a unidades nacionais, isto é, só os habitantes dum determinado território têm direito a usufruírem dos benefícios desse estado. De serem verdadeiros direitos, todos os habitantes da terra deveriam usufruir da sanidade gratuita ou da educação pública financiadas com os impostos dos nossos cidadãos. A diferença dos direitos clássicos, que são extensíveis a toda a humanidade, este tipo de «direitos» estão restringidos e limitados, pelo qual não podemos falar de direitos em pureza.

As análises de Rothbard não se limitam ao plano da teoria pura, mas buscam ampliar o seu alcance a experiências concretas acontecidas ao longo da história, e daí, como analisaremos agora, que boa parte da obra do nosso autor se centre no âmbito da história, seja dos feitos económicos e políticos seja das ideias que os inspiraram. Por isso convém resaltar a faceta do Rothbard historiador.

4

Rothbard historiador

Murray Rothbard nunca teve títulos formais como historiador, mas boa parte da sua obra consiste em trabalhos de carácter histórico no âmbito da história política, económica e das ideias económicas. É talvez a parte do seu pensamento menos estudada e menos conhecido, mas faz parte indissolúvel da sua obra e do seu programa anarcocapitalista.

A parte da sua obra menos estudada é aquela que se refere aos seus escritos sobre a história política dos Estados Unidos, que inclui um monumental tratado publicado em quatro volumes e intitulado ***Concebidos em liberdade***. Neste tratado, historia o desenvolvimento dos Estados Unidos previa e imediatamente posterior à independência, e como os pioneiros e pais fundadores da nova república sostiveram as ideias da liberdade e não interferência estatal, que fizeram logo rica e próspera a América. Historia as revoltas fiscais e a Guerra da Independência em chave libertária, como uma luta contra a opressão, principalmente fiscal, da metrópole, e como apesar dos vaivéns o povo americano soube manter nestes séculos uma forma de governo nunca vista antes, com descentralização política e quase nula interferência na vida das gentes do então diminuto estado. É um gigantesco fresco no qual se misturam ideias, pessoas e feitos, narrado em chave libertária, que ao invês da historiografia oficial, que canta e enfeita os feitos do estado, canta a luta dos americanos por manterem a liberdade e por se manterem num esplêndido isolamento das guerras e conflitos do resto do mundo. Ao mesmo tempo narra como aos poucos se vão pondo as sementes da destruição deste velho mundo. No livro, os maus são sempre os estatistas e os bons aqueles que resistem o seu poder, bem com as suas teorias bem com a suas obras.

Além deste livro, Rothbard publicou numerosos ensaios historiando a política norteamericana do século XX, destacando as relações corruptas entre os detentadores do poder político e os grupos de interesse empresarial, ou de carácter ideológico (como determinados grupos de puritanos milenaristas aos quais responsabiliza pela origem das políticas proibicionistas). Rothbard, quando historia a etapa progres-

sista nos começos do século XX, ou quando explica as causas reais da entrada nas guerras, faz uso das ferramentas do arsenal teórico austríaco: o *individualismo metodológico*, e não se escuda nas forças da história ou demais colectivismos metodológicos, mas identifica os actores reais que as iniciaram, às vezes com uma precisão assombrosa. Gosta de dar nomes concretos e detalhar quais são as relações e alianças entre eles. Detalha matrimónios, relações comerciais, amizades e parentescos, e explica quais foram os motivos concretos que levaram a actuar assim. Os seus actores não são classes nem nação, mas indivíduos com ideias e interesses que fazem mover o mundo. É uma perspectiva muito pouco usada na história moderna, dominada por colectivismos de todo tipo que apresentam os acontecimentos históricos como inevitáveis e causados por obscuras e dialécticas forças históricas.

Como historiador da economia Rothbard é, se cabe, muito mais interessante, pois arriquece as suas análises com o seu impressionante conhecimento da teoria económica, que aplica à compreensão dos acontecimentos das épocas que estuda, como se vê no seu tratado sobre a Grande Depressão de 1929, **America's Great Depression**. Neste livro aplica a teoria austríaca do ciclo económico à interpretação das causas da grande depressão e à análise, também cheia de nomes de dados dos principais actores, das políticas implementadas para tentar sair dela mediante o chamado *New Deal*. A diferença da maioria de historiadores deste período, que culpam o mercado da crise e outorgam às políticas prekeynesianas todo o mérito na saída da crise, Rothbard faz uma inversão de valores que causou uma grande polémica académica quando foi publicado este livro. No seu ensaio, Rothbard culpa da Grande Depressão às políticas monetárias desenvolvidas pela Reserva Federal Americana na década de 20, e depois às erradas políticas económicas levadas a cabo por Hoover e Roosevelt, que impediram o mercado de realizar as correcções necessárias para sair da crise. Na tese de Rothbard, o que fizeram os governos com as suas políticas de estímulo foi retrazar a recuperação. Posto que, como já apontámos acima, as crises vêm induzidas pelos maus investimentos gerados como resultado das políticas de créditos baratos, mais crédito barato não vai sanar o estado da economia mas agravará os males a meio prazo. O livro analisa detalhadamente como determinadas decisões são tomadas para salvaguardar certos interesses económicos, e descreve também com detalhe com combate de ideias que houve, tanto no governo quanto na sociedade, sobre as medidas

para atalhar a crise, que deram lugar a uma intervenção sem precedentes do estado na vida económica dos Estados Unidos. Rothbard explica-nos como o estado tira proveito das crises que motiva vezes causa ele próprio, para incrementar o seu poder e a sua legitimação, porque o estado, origem da crise, se apresenta também como a única entidade capaz de tirar-nos dela —contracíclica e compensatoriamente, como diria John Maynard Keynes, um dos autores que criaram esta nova ordem intervencionista que é objecto de duras críticas nesta e noutras obras de Rothbard.

Mas além de historiar feitos políticos e económicos, Rothbard destacou também pelo seu extraordinário desempenho como historiador das ideias económicas mas, igual que Schumpeter, não pôde ver a sua grande obra, *História do pensamento económico*, publicada em vida, pois morreu em 1995, pouco antes de sair do prelo a primeira edição. O livro é uma história das ideias económicas escrita desde a perspectiva da escola austríaca. Desta maneira, o nosso autor analisa a obra dos diferentes autores e destaca as suas contribuições à teoria económica de acordo com o paradigma austríaco. Rothbard faz aqui um grande contributo, pois não começa a sua história do modo que é habitual, com Smith e os fisiocratas, mas começa a análise desde o mundo grego, e dedica muito espaço ao pensamento da Idade Média e à escolástica hispana, agrupada na conhecida hoje como *Escola de Salamanca*. Para Rothbard, o pensamento económico rigoroso nasce com a escolástica hispana, que se transmite a través duma série de pensadores protestantes dentro da tradição do direito natural e chega a Viena inspirando Carl Menger, o fundador da escola austríaca.

A originalidade de Rothbard na sua história reside em duas aporções: primeiro, negar que a economia tenha nascido no século XVIII, mas afirma que nasceu muito mais atrás no tempo; e, segundo, negar a centralidade de Smith no desenvolvimento da teoria económica, que corresponderia aos escolásticos. Não apenas a nega, mas Rothbard afirma que Smith constituiu uma regressão na teoria económica, ao ressuscitar teorias objectivas do valor, especialmente do valor trabalho, que já foram refutadas séculos atrás pelos escolásticos hispanos e pelos seguidores da sua tradição.

Uma terceira contribuição de Rothbard foi historiar o debate que se deu nos começos do século XIX

na Grã Bretanha entre a escola monetária e a escola bancária, sobre a quem corresponde a capacidade de criar dinheiro e sobre qual deve ser o limite à expansão creditícia por parte dos bancos comerciais. Rothbard aponta que uma má solução a este debate levou a que os bancos obtivessem o privilégio de que os seus depósitos à vista não estivessem, diferentemente das noas, obrigados a manterem uma reserva do 100% sobre o que está lá depositado, e que pudessem portanto multiplicar a través da reserva federal fraccionária o dinheiro em depósito (os apontamentos bancários têm a consideração de dinheiro) e causar portanto inflações e ciclos económicos.

Destaca por último a sua visão da teoria económica marxista, que via plagada de velho erros, como a teoria do valor trabalho, que considerava mais uma teoria escatológica de carácter religioso que uma verdadeira e séria teoria económica. O marxismo, já desde a obra do próprio Marx, estaria mais interessado na chegada do milénio socialista e na luta de classes que em desenvolver uma boa teoria económica. Desse modo, os escritos marxistas estão cheios de expressões apocalípticas e carregadas de valor simbólico, como o conceito de exploração (derivado da teoria do valor trabalho), que não se sustêm teoricamente à hora de se explicar em que consistem. Por exemplo, o valor dos bens viria determinado pelo valor do trabalho empregado em fazê-los, e o valor do trabalho viria dado pelo seu custo de reprodução, isto é, pelas coisas que são necessárias para sustê-lo. Como se vê, o valor das coisas vem dado pelo valor das coisas, o qual é um raciocínio circular que não conduz a nada. O raciocínio marxista, afirma Rothbard, é muito capaz como boa religião para mobilizar as paixões humanas, mas não é capaz de alcançar um desenvolvimento racional no âmbito da teoria económica.

5

Conclusão: O legado de Murray N. Rothbard

Rothbard e os seus discípulos e amigos lograram fazer ressurgir a escola austríaca, cujos principais expoentes não estão agora em Viena mas nos Estados Unidos, fruto em boa medida do seu trabalho. Na tradição de Rothbard inspiraram-se, total ou parcialmente, centros de estudo de raiz austro-libertária como o Mises Institute, dirigido por Lew Rockwell (um íntimo amigo de Rothbard), que tem delegações em muitos países, ou o espanhol Juan de Mariana. É a fonte de inspiração de movimentos políticos por todo o mundo, dos quais destacam os relativos êxitos do candidato libertário Ron Paul nas primárias republicanas de 2012 nos Estados Unidos.

Mas além dos sucessos políticos, muitos académicos de todo o mundo construíram sobre o seu legado. Historiadores como Paul Johnson ou Thomas Woods explicaram a história americana baseando-se no seu trabalho. A teoria do dinheiro, a inflação, a banca e o crédito atingiram graus de elaboração nunca visto antes, na obra de Jesús Huerta de Soto, Guido Hulsmann ou Joseph Salerno. No âmbito da teoria política, autores como Hoppe fizeram críticas inovadoras ao funcionamento dos modernos sistemas democráticos, ou criticaram o marxismo, como fez David Gordon inspirando-se na obra de Rothbard. Esta é debatida e questionada incluso dentro da moderna escola austríaca, pois os discípulos de Mises, ainda compartilhando a essência do pensamento austríaco, divergiram logo, seguiram caminhos paralelos. Mas a tradição rothbardiana continua, pois soube construir um sistema coerente dotado de lógica e rigor, e sobretudo escrito numa prosa clara e sumamente lógica.

Ler a obra de Rothbard é uma das melhores experiências que pode ter um jovem interessado nas ciências sociais. Estiver ou não de acordo com ele, é seguro que começará a amá-las, pela paixão que ele pôs sempre em todos os seus escritos.

Para saber mais...

Bastos Boubeta, Miguel Anxo (2004) “Un reaccionario radical: el pensamiento político de Murray N. Rothbard,” *Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas*, vol.3 núm.1 pp.111-124.

<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/380/38030106.pdf>

Rothbard, Murray N. (2009) *A anatomia do estado*, Instituto Ludwig von Mises Brasil, São Paulo 2012.

<http://www.mises.org.br/files/literature/A%20anatomia%20do%20estado.pdf>

Rothbard, Murray N. (1970) *Governo e Mercado a economia da intervenção estatal*, Instituto Ludwig von Mises Brasil, São Paulo 2012.

<http://www.mises.org.br/files/literature/Governo&Mercado.pdf>

Instituto Ludwig von Mises Brasil

<http://www.mises.org.br/>

RESUMO

1. Murray N. (1926-1995) foi um professor norte-americano de economia e um ativista político que pôs as bases teóricas do chamado anarcocapitalismo, movimento político que busca construir uma sociedade sem estado baseada nos princípios do mercado livre.
2. O seu texto pretende demonstrar a maldade intrínseca do estado porque, em sua opinião está fundamentada no que ele chama de meios políticos que envolvem a utilização com maior ou menor intensidade da violência física.
3. Como contraponto pretende demonstrar a bondade intrínseca do mercado livre, baseado no que ele denomina recursos financeiros, que se baseiam no intercâmbio livre e pacífico e que implicam necessariamente uma melhoria para as partes envolvidas em tais trocas.
4. A obra teórica de Rothbard procura oferecer uma visão global do fenômeno estatal, estudando as intervenções do Estado em uma tripla dimensão, econômica, política e histórica.
5. No âmbito econômico Rothbard englobasse dentro da tradição da chamada Escola Austríaca de Economia, da qual foi um dos seus principais expoentes. Esta escola, com precursores na escolástica hispânica do século XVI e XVII, foi fundada no final do século XIX na Áustria por Carl Menger. E uma escola marxinalista e seus princípios epistemológicos são o individualismo metodológico e o subjectivismo.
6. As contribuições principais de Rothbard ao pensamento econômico dão no âmbito do cálculo econômico, na teoria monetária e na teoria do intervencionismo no domínio econômico. Construa a sua obra sobre o legado do economista austríaco Ludwig von Mises, que foi seu professor em Nova York.
7. No âmbito do cálculo econômico sua principal contribuição e estender o teorema da impossibilidade do cálculo econômico em uma economia socialista no âmbito do cálculo econômico no interior

das grandes organizações.

8. No âmbito da teoria monetária a principal contribuição descansa na defesa de um sistema monetário de base metálica e de um sistema bancário sem reserva fraccionaria e sem banco central.
9. No âmbito da teoria do intervencionismo Rothbard estabelece uma tipologia inovadora segundo a qual toda intervenção na vida económica e social implica em alguma medida o uso da força coercitiva por parte do Estado.
10. No âmbito da teoria social Rothbard elabora uma sofisticada crítica do igualitarismo que vê contrário a natureza humana ea correção estatal de uma desigualdade sob consegue fazer mais visíveis as desigualdades em outros âmbitos.
11. A política externa é outra das grandes preocupações teóricas de Rothbard. Desenha um esquema isolacionista da política externa segundo o qual os Estados Unidos renunciariam a qualquer intervenção militar no estrangeiro e as suas bases militares. Seu programa político é profundamente anti-imperialista.
12. Rothbard como historiador económico destaca pelas suas profundas análises da grande depressão de 1929, que atribui ao intervencionismo ea expansão creditícia alimentada pela FED nos anos 20 do século XX. Também ripas as origens do moderno estado intervenionista e está na chamada fase progressista prévia a primeira guerra mundial.
13. Como historiador das idéias destaca a sua monumental *História do Pensamento Económico* em que nos oferece uma visão diferente da habitual na história das doutrinas económicas. Não começa como e habitual em Adam Smith mas que remonta a antiguedade clássica e incorpora um local preferencial para a obra dos escolásticos, em especial da escolástica hispânica como se manifesta na escola de Salamanca.
14. Em síntese a obra de Rothbard é um inimigo do Estado e toda a sua obra pretende justificar as razões de tal ódio ea procurar alternativas que sejam capazes de superá-lo.

ATIVIDADES

1. O que é para você o estado? De onde nasce?
2. Como justificaria você a existência do estado? Que razões você pode encontrar para o pagamento dos tributos?
3. Que funções deve ter? Devem estas estar limitadas ou não?
4. Imagine como poderia ser um mundo totalmente privado. Como imaginaria um sistema monetário sem intervenção estatal? Como seria uma educação privada? E a saúde?
5. O que é para si o imperialismo? Quem pensa que beneficia? Quem pensa que perxudica?
6. Poderiam existir formas de defesa não estatais?

